Aquarela de Anna de Römer, avó materna do autor
Desenho de Erik Ramalho von Behr, bisneto de Anna

MENINO DIAMANTINO
Copiraite © bai Nicolas Behr
Capa: autor & filhos

1ª edição - 2003
2ª edição - 2012

"OBRAS quase COMPLETAS"
Cx. Postal 8666
70.312-970 – Brasília DF
paubrasilia@paubrasilia.com.br
www.nicolasbehr.com.br
(61) 3468 3191

RESTOS VITAIS
Iogurte com Farinha – agosto 77
Grande Circular – junho 78
Caroço de Goiaba – julho 78
Chá com Porrada – julho 78
(impedido de publicar, por ordem judicial, entre 15 de agosto de 78 a 30 de março de 79, escreveu poemas em telhas frescas, depois queimadas, da série " O que me der na telha ")
Bagaço – maio 79

VINDE A MIM AS PALAVRINHAS
Com a Boca na Botija – junho 79
Parto do Dia – julho 79
Elevador de Serviço – agosto 79
Põe sia nisso! – agosto 79
Entre Quadras – agosto 79
Brasiléia Desvairada – setembro 79
Saída de Emergência – setembro 79
Kruh – outubro 79
303F415 – julho 80
L2 Noves Fora W3 – novembro 80

PRIMEIRA PESSOA
Porque Construí Braxília – 1993
Beijo de Hiena – 1993
Pelas Lanchonetes dos Casais Felizes – 1994
Segredo Secreto – 1996
Estranhos Fenômenos – 1997
(antologia, seleção do autor – 1977- 97)
Viver Deveria Bastar – 2001

Umbigo – 2001 (1ª edição)
Poesília – poesia pau-brasilia - 2002
Menino Diamantino – 2003
Peregrino do Estranho – 2004
Braxília Revisitada – vol. I – 2004
Restos Vitais – (coletânea) – 2005
Vinde a Mim as Palavrinhas (coletânea) – 2005
Primeira Pessoa (coletânea) – 2005
Introdução à Dendrolatria – 2006
Umbigo – 2006 (2ª edição)
Laranja Seleta, Ed. Língua Geral - 2007
Beije-me (fotografias) - 2009
La Brasilíada (espanhol) - 2009
O Bagaço da Laranja - 2009
Brasilíada, Ed. Língua Geral - 2010
A Lenda do Menino Lambari - 2012
Meio Seio, Ed. Língua Geral - 2012

Inéditos:
A Teus Pilotis
O Itinerário do Curativo
A Balada do Falso Poeta
BRASÍFRA-ME OU
Superquadra invisíveis
AILISARB - Enciclopédia Fantástica

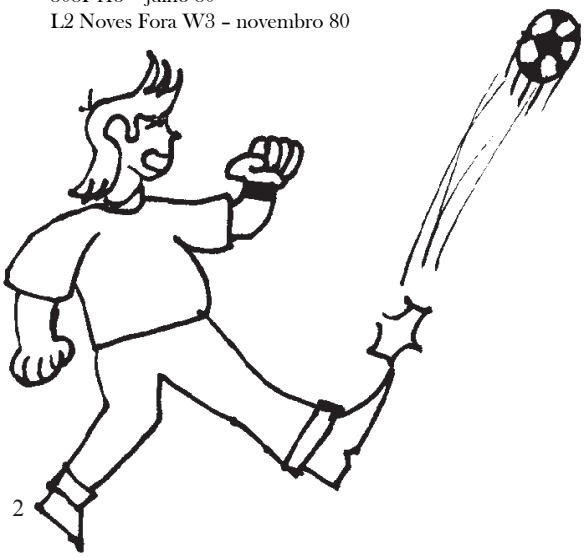


Foto: Therese von Behr

Campo Grande, 8.9.2003

Meu caro poeta
Nicolas Behr

Li encantado o seu Diamantino. Muito obrigado pelas emoções que você me deu. A infância é a nossa pátria mesmo, como disse Rilke. O livro todo é lindo e seus filhos tão lindos. No Ribeirão do Ouro: Viver é tirar pedras do lugar / recordar é tentar recolocá-las de volta. Isso você está fazendo com os seus encantamentos de poeta. Muito obrigado pelo presentão. Agora também sou amigo do Inácio. Onde andará esse Inácio? O Poesília me enriqueceu menos. Não sei por quê? Ou sei?

Grande fraterno abraço

Manoel de Barros

Campo Grande, 8.9.2003

Meu caro poeta
Nicolas Behr

Lá encantado o seu Diamantino.
Muitíssimo obrigado pela emoção que
você me deu. Infância é nossa pátria
mesmo - como lá disse o Rilke.
O livro todo é lindo e os seus
filhos tão lindos. /VO Ribeirão
das Ouro: Viver é tirar fedor do
lugar / recordar é tentar revolução.
Sas de volta. Isso você está fazendo
com os encantamentos de ponta.
Muito obrigado pelo presentão.
Agora também sou amigo do Inácio.
Onde andará esse Inácio? O
Poente me enriquece menos.
Não sei por quê? Ou sei?
Grande fraterno abraço

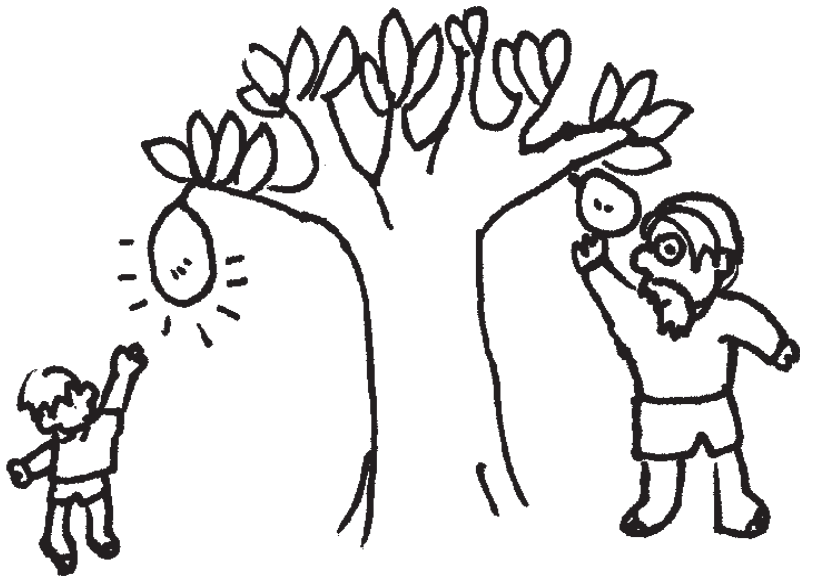
Manoel de Barros

na casa da dona alair
tinha um pé
de manga rosa

ainda tem

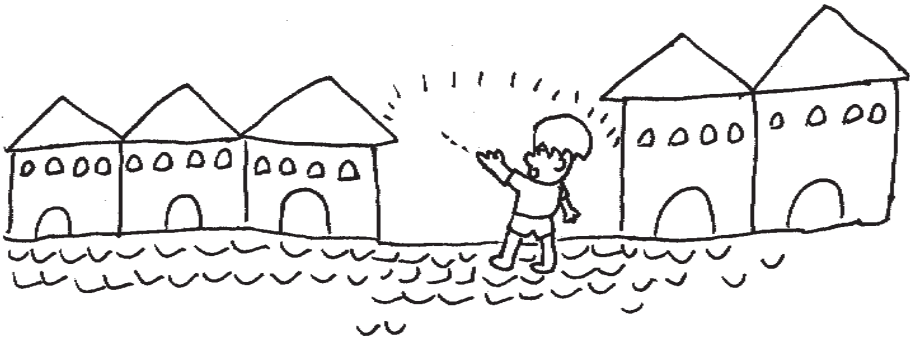
era uma manga gostosa

ainda é

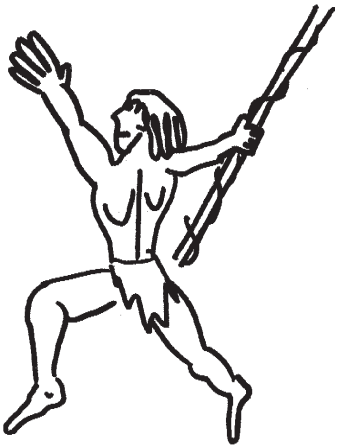


A PENSÃO DA DONA NILDE NÃO EXISTE MAIS

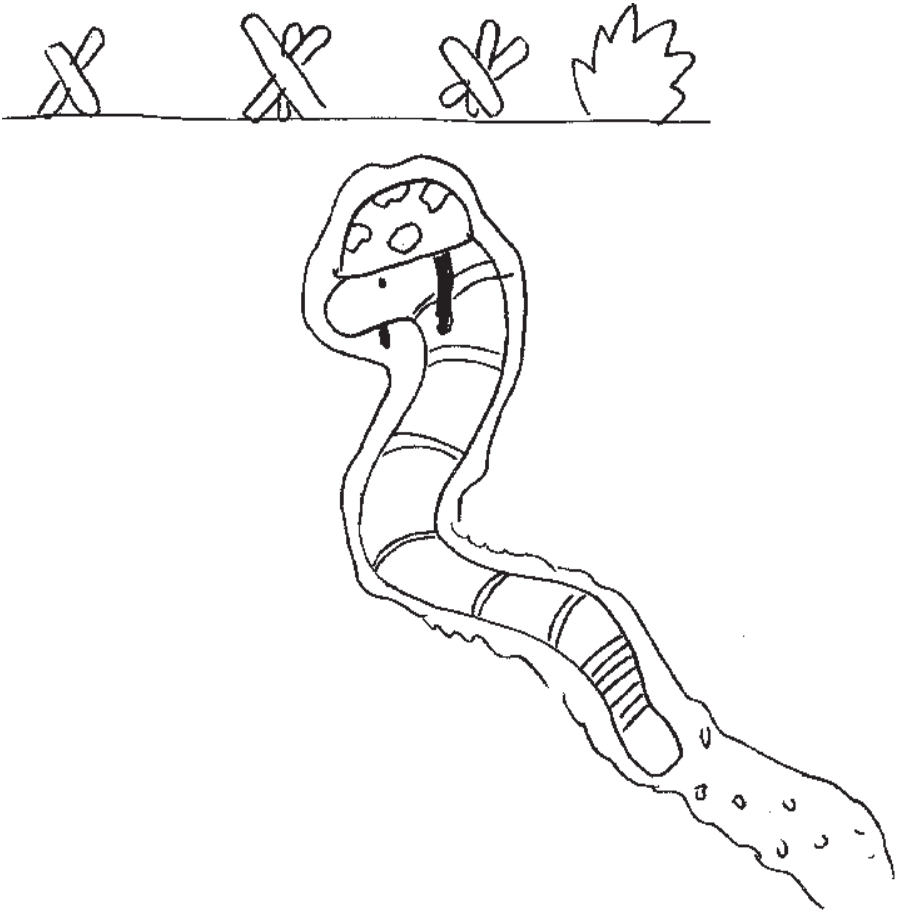
ficava ali



pular feito tarzan
entre cipós de chuchu
pé de abóbora é pra gente subir
se dependurar nas folhas
das bananeiras



balançar na gangorra da vida
- que sobe e desce, sobe e desce
chupar pedaço de vidro
como se fosse gelo
furar o pé em tábuas com pregos
cortar a mão em cacos de telha



na imaginação do menino
minhocas gigantes cavam túneis
unindo quintais inimigos

A MISSA

em nome do pai, do filho e do espírito santo
depois da missa eu vou jogar bola e pescar
cantemos todos o canto de entrada – de pé
tenho vara, linha, chumbada e isca boa, minhoca
bendito seja deus que nos reuniu no amor de cristo
eu e inácio vamos pescar naquele trecho do rio, difícil
deus pai todo-poderoso, tenha compaixão de nós
mamãe veio me visitar e fomos tomar guaraná
leitura da carta de são paulo apóstolo aos romanos
ela vem de novo mês que vem e vamos tomar
guaraná de novo, ela disse, ela prometeu
senhor, tende piedade de nós
não sei o que eu faço para aprender matemática
evangelho de jesus cristo segundo são lucas
é tempo de manga rosa na casa da dona alair
glória a deus nas alturas
só que lá na casa dela agora tem cachorro bravo
e paz na terra aos homens de boa vontade
irmã deolinda está na missa, bem ali na frente, linda
senhor deus, reis dos céus, deus pai todo-poderoso
só faltam três semanas pra gente sair de férias
nós vos damos graça por vossa imensa glória
meu irmão puxou minha orelha, sangrou, doeu
vós, que tirais o pecado do mundo,
tende piedade de nós

aquele cacho de banana que escondi na roça
dos padres deve estar bem maduro
vós, que estás à direita do pai, tende piedade de nós
vou lá sozinho, comer aquele
cacho de banana sozinho
vinde a mim os que têm fome – glória a vós, senhor
não subo mais em pé de abacate, caí, quase morro
segura na mão de deus que ele te sustentará
que pena - vão derrubar o muro da casa do seu joão -
não vai ter mais graça roubar manga lá
oh, meu bom jesus, que a todos conduz,
olhai as crianças do nosso brasil,
mas ainda tem muitos outros quintais pra gente
roubar manga, não vai faltar manga nem quintal
o senhor esteja convosco. ele está no meio de nós
quando eu for na fazenda quero andar a cavalo
senhor, eu não sou digno
que entreis em minha morada
mas dizeis uma só palavra e serei salvo
que palavra será essa, meu deus? a palavra
cavalo serve? e se meu pai vendeu o cavalo?
cordeiro de deus, que tirais o pecado do mundo
será que tô com bicho-do-pé de novo?
no amor e na comunhão do espírito santo
estou arrependido de ter tocado fogo no sapo
abençoai-vos, deus todo poderoso,
pai, filho e espírito santo

aleluia! aleluia! aleluia!
a missa está no fim e eu não quero
ser goleiro outra vez
ide em paz e o senhor vos acompanhe
amém! gol! amém! gol! amém! gol!
graças a deus!

pela primeira vez
meu time ganhou
do time dos anjos

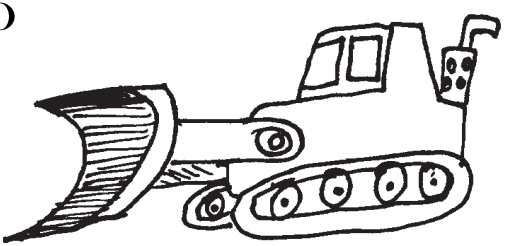
a infância
é a camada fértil
da vida

depois
vem o cascalho,
a pedra,
a camada adulta,
estéril, dura,
impermeável: esta

Lar do menor

onde hoje é a casa edith
que vende tecidos
era o lar do menor

o lar do menor foi demolido
tudo foi demolido
tudo
tudo
tudo
tudo
tudo
tudo
tudo
tudo

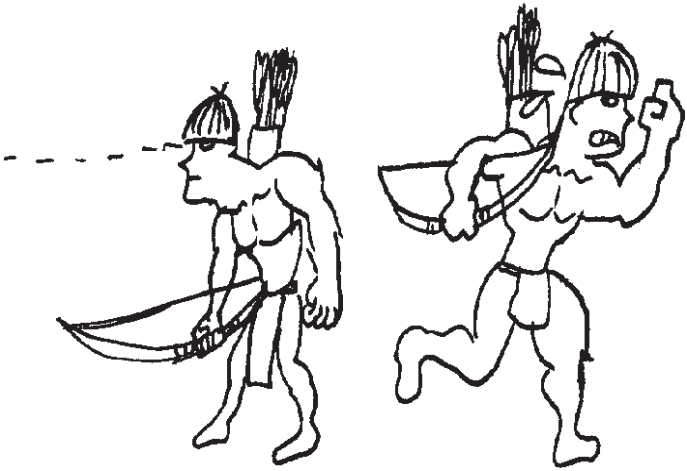


demoliram até
o nosso campo de futebol

AULA DE HISTÓRIA

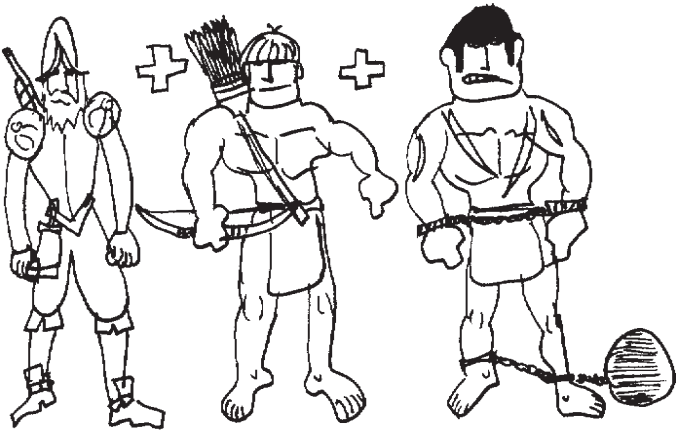
branco chegou e bateu

índio olhou e correu



negro não gostou e fugiu

devagarzinho, devagarzinho
foi misturando, misturando...

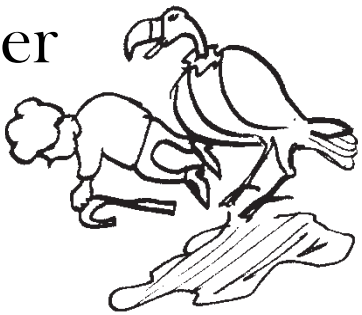


Urubu achou antes

passa em frente
à casa dos loucos,
olha rápido as velhas
desdentadas, papudas
e apressa o passo

certa vez, uma velha fugiu,
sumiu, morreu, se escafedeu

perto da cabeceira do rio
preto urubu viu, desceu,
começou a comer



aí acharam

Catando chiclete

o côco de bocaiúva
era o nosso chiclete-barato-
mais-que-barato: grátis,
fácil, catado no chão

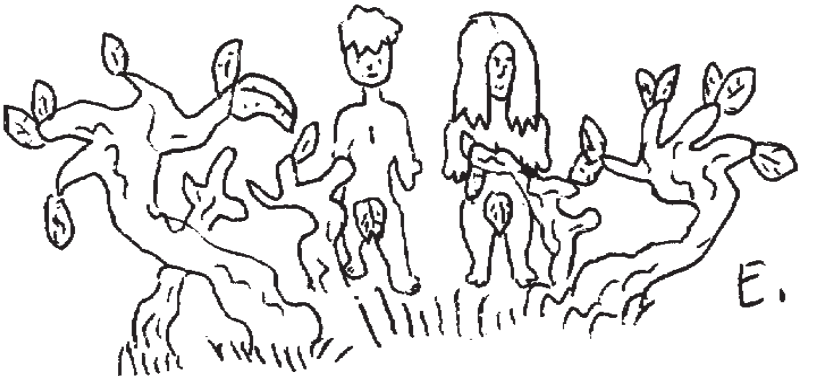
chiclete amarelo, redondo,
com uma semente dentro,
chiclete vegetal,
fruto de palmeira

bocaiúva boa
era aquela
que a gente
apertava na mão
e estalava na hora
fazia créc!

adão conheceu eva
eva conheceu adão
e no paraíso do cerrado
de rosário oeste
se casaram

a maçã era uma lobeira
e a folha de uva
uma folha de lixeira

abriram uma pensão
e como não tiveram filhos
a humanidade não existiu

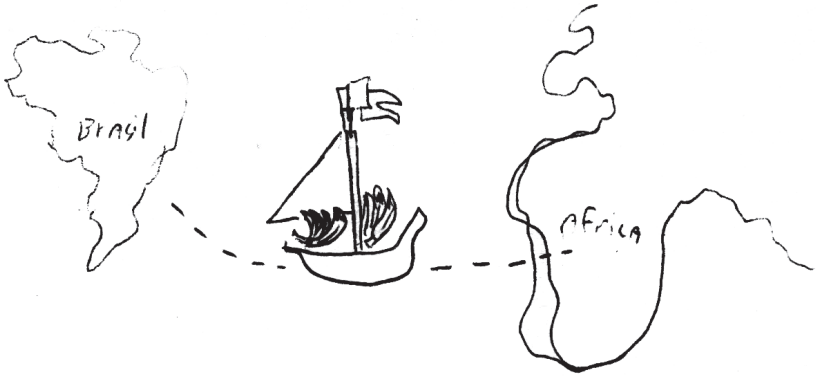


Era tempo de biafra

na revista o cruzeiro as crianças
com os ossos de fora

não comeram tudo
porque não havia
nada pra comer

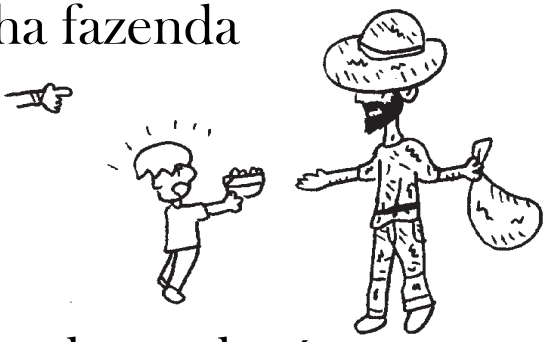
como fazer este cacho
maduro de banana nanica
chegar do outro lado do
mundo sem apodrecer?



Andarilho Jorge

chegava e logo se sentava
na varanda da casa,
em frente à rodovia

tudo isto aqui é meu, delirava
olha a minha boiada passando,
boiada bonita que tá indo
lá pra minha fazenda



louco e folgado: onde tá a
comadre tereza? e o compadre?

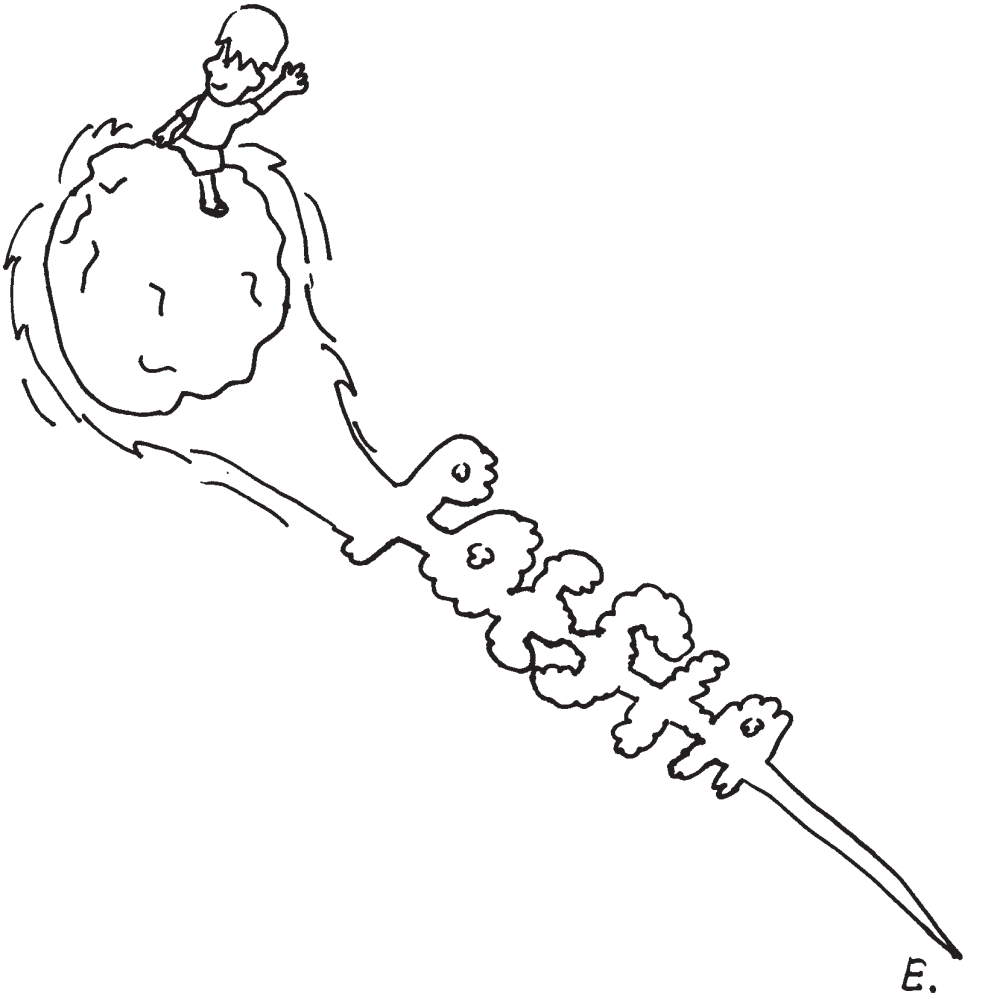
magro e sujo de poeira,
era um doido manso,
mas levar comida pra ele
era sempre uma missão perigosíssima

poesia se faz
com caderno,
borracha e lápis

caderno
pra escrever

borracha
pra apagar

lápis pra
esquecer


E.

Cometa poesia

era uma noite qualquer
de julho de 1967

mamãe nos acordou
de madrugada
para vermos
o cometa ikeia-seki
(ela sabia que nós
nunca o esqueceríamos)

o cometa seguiu seu curso
nós voltamos pra cama

caixeiro-viajante do céu
o cometa aparece e desaparece

o cometa volta
a infância, não

daqui vejo a casa da fazenda
em ruínas, sempre em ruínas

daqui vejo o velho flamboyant
testemunha vegetal
resistente a tantas pragas
doenças e ausências

será mesmo preciso voltar lá?

pela imaginação não vale?
tem que ir lá tocar,
pegar, chorar, sofrer?

daqui vejo tudo
daqui imagino tudo
sinto tudo

não vou voltar

DE GARIMPOS E PALAVRAS

poetas aos farrapos
aos trapos
aos trancos nos barrancos
vasculham, frenéticos,
cascalhos quadrangulares

embaixo do lodo seco
a emoção late

Crianças escravizando crianças

engraxa, limpa meus sapatos
leva meus cadernos
pra escola
e de volta da escola
seu lanche hoje é meu
te pego lá fora, você vai ver
a porrada, o murro, o chute
o tapa na cara, o empurrão
a lei do mais forte
entre os mais fracos

crianças massacrando
crianças e sapos

tocar fogo no sapo
só pra ver o fogo pular

demoliram minha infância
e eu desmoronei
junto com o velho casarão

fui ao chão
lá fiquei
aqui estou

embaixo de tábuas e ripas
entre cacos de telhas

emparedado

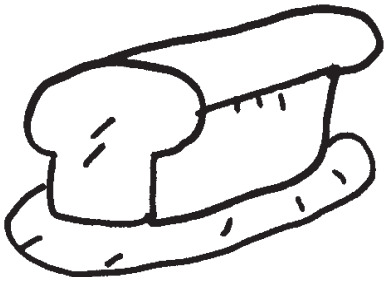
entre os escombros de mim
ainda respiro

e só este poema me ouve

Dom alonso silveira de mello

todos queriam rezar missa
com dom alonso, o bispo,
mas só chico sabia celebrar
missa em latim

chico, ensina missa em latim
pra gente poder rezar
com dom alonso
e depois comer pão de fôrma
macio, com manteiga e mel



Dor d'olho

quem já teve
dor d'olho
que pisque o olho

acordar
e não poder
abrir os olhos

acordar
e não querer
abrir os olhos

ESTA RUA SEMPRE FOI MINHA!

só eu sei onde ela começa
e onde termina

só eu sei se nessa rua tem loja
que vende vara, linha e chumbada

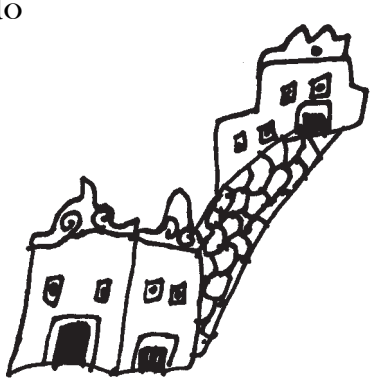
só eu sei se nessa rua mora
a menina, aquela
que corre pra dentro,
quando me vê da janela

o endereço só eu sei
motorista nenhum a conhece
não está em nenhum mapa

por isso, essa rua sempre
foi minha
e para sempre será

rua de nuvem, paralelepípedo
de algodão, casa de vento
calçada de ar
parede de bruma
janela de espuma

suave rua da infância
rua da minha imaginação



Irmão lauro

perdeu quatro dedos da mão
no moedor de cana

só tinha o polegar

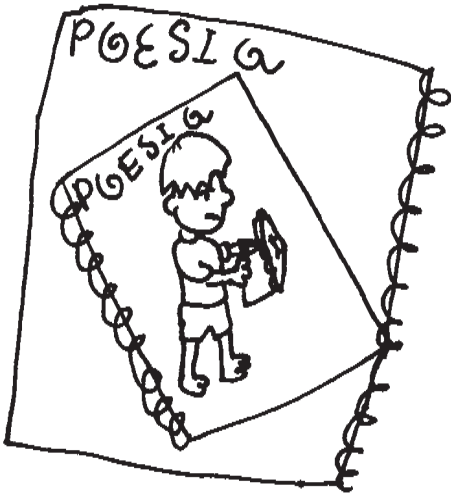
com a mão direita
não conseguia puxar
nossas orelhas

com a esquerda, sim

Caderno de poesia

no caderno de poesia
do aluno nicolas
não havia espaço
para a poesia

a poesia já ocupava
todos os espaços
do caderno e da vida



Ficou bonito o meu poema, professora?!

as professoras mortas
enterradas atrás dos quadros negros
- emparedadas -

o dedo sujo de giz, mumificado,
indicando a porta:
- quer fazer o favor de sair da sala!?

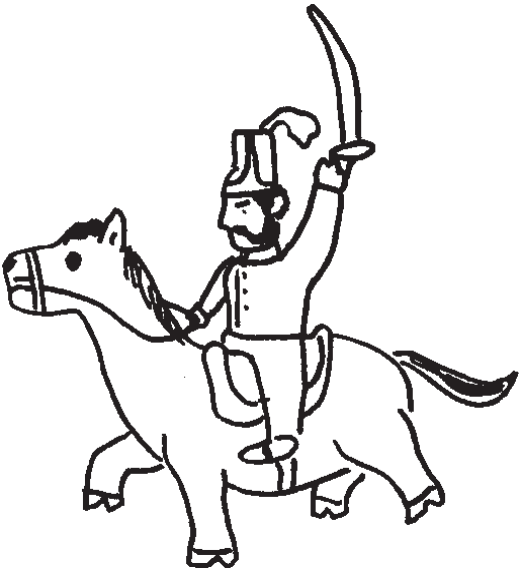
a cara feia finalmente vingada

envergonhados, os números se diminuem
o boletim rasgado, de notas sujas,
sem valor

a memória apagada do caderno gasto
a geografia morta, de um país morto,
inexistente, mapa que nada indica
o tempo morto, parado embaixo do chão

os heróis – todos mortos
tiradentes estrebuchando na rua
quem desenterrou zumbi? quem?
caxias foi um carniceiro aloprado
ih, lá vem dom pedro com história

e ninguém pra elogiar o meu poema



A FANFARRA FAZ FARRA

fanfarra fazendo farra?
fanfarra fazendo algazarra?
que nada, gente mais
organizada, ordeira
marchando na poeira
um atrás do outro
rufando os tambores
pedindo passagem

as meninas, na frente,
pernas grossas de fora
nós, olhando as pernas grossas de fora

toma limonada pra cagá de madrugada
toma limonada pra cagá de madrugada
toma limonada pra cagá de madrugada
toma limonada pra cagá de madrugada
toma limonada pra cagá de madrugada
toma limonada pra cagá de madrugada
toma limonada pra cagá de madrugada
toma limonada pra cagá de madrugada
toma limonada pra cagá de madrugada

Fúria de menino

derrubar muros
e atravessar paredes

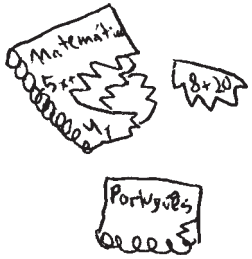
rasgar cadernos, queimar livros,
não marchar no 7 de setembro

voltar a ser pagão
e assistir missa pelado

matar passarinho
na sexta-feira santa

fazer isca com a hóstia sagrada
e esperar pelo milagre
da multiplicação
dos peixes
no meu anzol

que a ira divina
abençoe esta fúria de menino



esta fúria de furar olhos
lamber feridas, reabrir cicatrizes

Havia, do verbo sofrer

aqui havia uma casa
um quintal
um campo de futebol
um menino assustado
entre bananeiras

aqui havia um passado
uma casa passado
um quintal passado
um menino assustado
entre bananeiras

havia havia havia
não há mais

permanece apenas
a insistente lembrança

lembrança assustada
entre bananeiras

Irmã deolinda

professora,
irmã deolinda era bonita

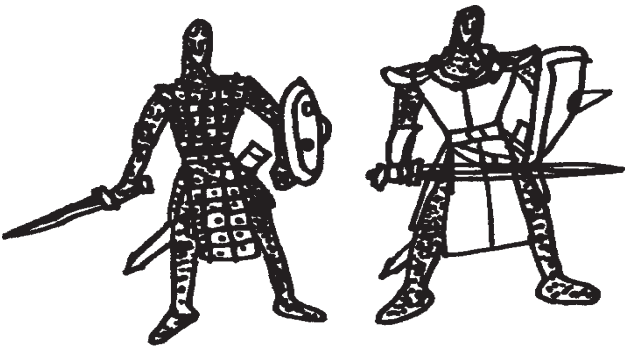
um dia descobrimos
um tufo de
cabelos saindo pelo
seu chapéu de freira

descobrimos
que irmã deolinda
não era careca

começávamos, castamente,
a descobrir o desejo

Indumentária de Guerreiro

sandália de dedo, sapato
velho, canelas de fora,
calção, cinto não tinha
(nem cueca), uma camisa
branca, puída, uma pasta
com os cadernos dentro:
lápis, caneta, borracha,
apontador e régua



e lá íamos eu
e este poema
conquistar o mundo

Lição de amizade

inácio era índio
e meu melhor amigo

rejeitado pelos outros brancos
inácio nadava comigo, pescava
comigo, fazíamos a lição juntos

aprendemos a lição?

eu nunca me esqueci de inácio
inácio, tenho certeza
nunca se esqueceu de mim

por onde anda inácio?
por onde ando eu?

menino pobre
menino de ouro
menino bom

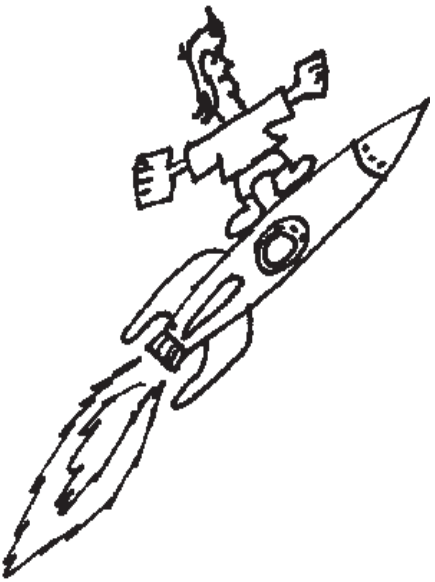
menino da rua interna
do muro enterrado
da janela pra dentro

da recusa à vida reclusa
menino não quer ser padre

menino quer ir pra rua
soltar pipa
pular muro
roubar manga
jogar bola
bater e apanhar

longe da pátria diamantina
longe da infância

exilado



refém do amanhã

rumo ao desconhecido

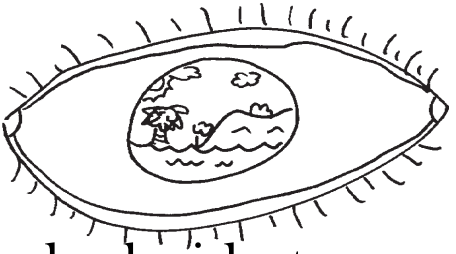
Maio de 68

fui pescar

Meus olhos: molhe-os

os olhos sempre úmidos
querendo chover

olhos líquidos, encharcados
brejos de saudades
pântanos de sentimentos
nascentes onde minam as
lembranças, bolas e bolhas
d´água estourando memórias
aquáticas, esponjosas



o risco de desidratar
de chorar até secar
até secar tudo
esturricar

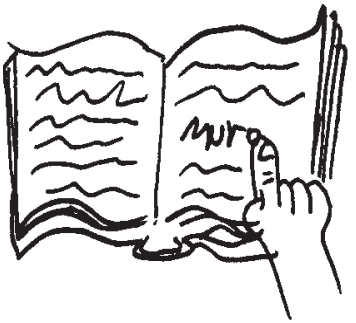
Minha pobre diamantino

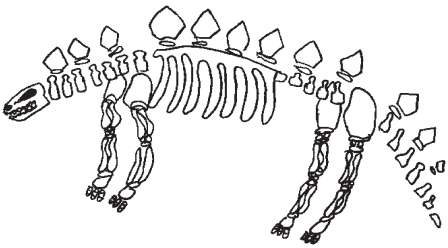
vila rica do diamante duro
vila rica do adobe mole
(por isso ficou tão pouco
de ti, tão pouco)

pobre diamantino
sem museus
sem palacetes
sem turistas

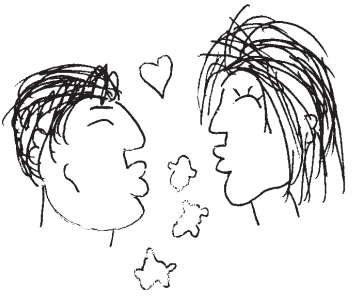
ilha cercada de soja
por todos os lados
esse mar verde
esse mar morto

no dicionário
pré-histórico
a palavra muro
cerca quintais
de substantivos
fósseis





minhoca tem coração?
pinico de barro enferruja?
será que capam os padres?
quando alguém beija, pega sapinho?
por que o céu não é amarelo?
quem fica louco é para sempre?
se colocar óculos verdes no boi,
ele come capim seco?
por que algumas pessoas são más?
existe roda quadrada?
cavalo pode cruzar com vaca?
todo cobrador de ônibus é rico?
por que lágrima tem gosto de sal?
todas as freiras são carecas?
peixe dorme?
por que os números explodem?
por que as palavras não falam?
as meninas perdem o pinto
por quê?



A CASA EM AMOLAR

as lágrimas do adulto
abafando o choro da criança

o quarto intacto a memória intacta
a casa em ruínas
a vida quase arruinada

do quintal nada ficou
não ficou muro, muro de pedra
alicerce de outros sonhos

os pés de goiabeira, o tanque de
peixes, o fio d'água que vinha do
ribeirão e passava dentro de casa

longo fio da memória
que a gente puxa, puxa
e não arrebenta nunca

No dia em que choveu sobre a minha infância*

voltei muitos anos depois

não era a minha cidade

terei errado de cidade?
me dê este mapa!

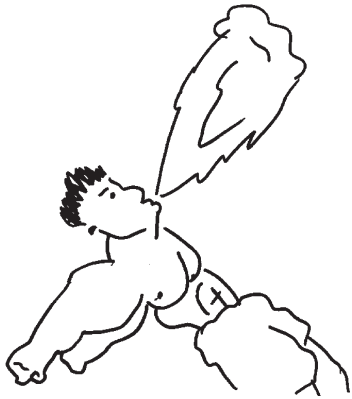
estarei louco?
um pouco

aí choveu

era sim a minha cidade

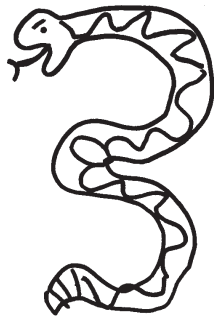
* título de um livro de Manoel Sanches Neto

negão, forte, baiano



roçava o mato do pasto
de empreita

certa vez
trouxe uma jibóia
já limpa
na folha de bananeira
pra gente comer
disse que era peixe

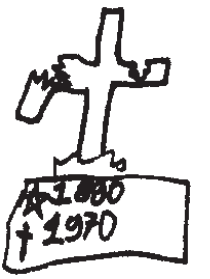


sempre muito quieto
só abria a boca pra derramar
querosene
no dente podre

mamãe ficava escondendo
as lamparinas da casa

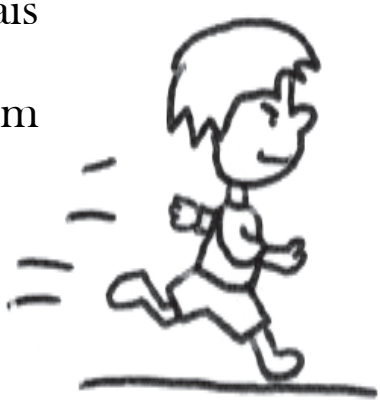
no cemitério
de gente pobre
no cerrado da fazenda
faltam muros
faltam flores
faltam lápides

pequenas cruzes
de madeira,
algumas caídas
e restos de velas
identificam o lugar



O MENINO PURO PULOU O MURO*

é sempre dentro de mim esse muro
me dividindo em quintais

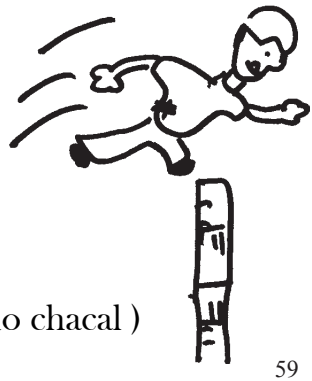


quintais me dividindo em
partes desiguais

esse muro
me defende de quem?
me protege de quê?

pés de bananeiras com flexadas
olhos d'água sedentos
troncos de coração de boi, cabeças
de cabaças secas, um cercado de
galinhas, o quarteirão dos sonhos

sob o chão da pele, as minhocas
arejam as lembranças
de carnes apodrecidas



já não é hora de derrubar
esse muro?

*o amor puro pulou o muro (ricardo chacal)

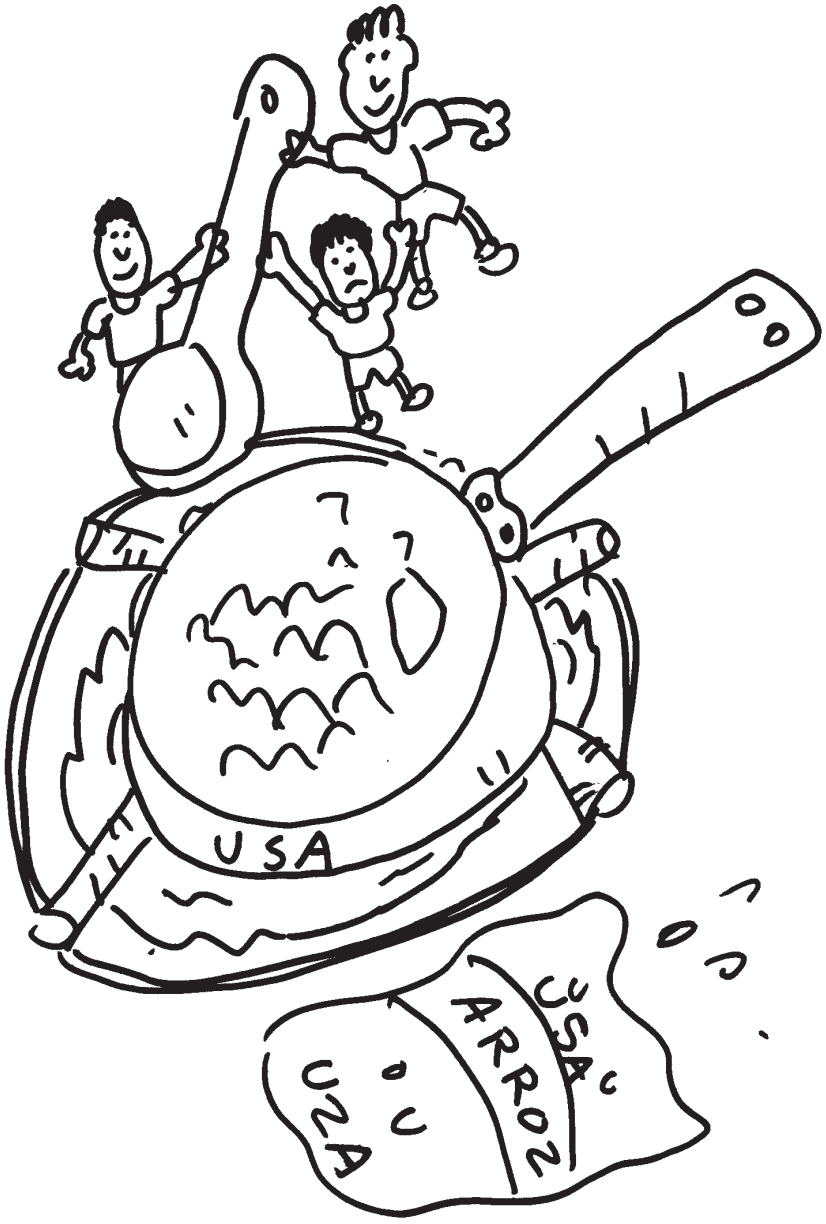
O GRANDE IRMÃO DO NORTE MANDOU ARROZ

a reação norte-americana
à revolução cubana
chegou a diamantino em grande
estilo e teve um enorme impacto na
nossa dieta alimentar

quem qué arroz de gringo?
quem qué mato? (salada)

a propaganda americana,
as mãos se cumprimentando
- aliança para o progresso –
o logotipo da fome estampada

a fome da grande noite
finalmente saciada
à sombra do Che


USA
USA
ARROZ
USA

O MUNDO VISTO DE CIMA DO CURRAL

não é redondo o mundo visto
de cima do curral

é pontudo, cheio de chifres
-um mundo instável, que dá leite,
muge e mija

sarnas protegidas nas torres das fortalezas
de esterco, fungos exilados em paraísos
fiscais, formigas oprimidas por cupins
reacionários, carrapatos refugiados em
castelos de adubo, tumores expostos,
esta pele é domínio absoluto das pulgas,
são couros em pústulas escamosas, meu
império colonial de bernes, província
ultramarina de bactérias, aeroporto
bombardeado de moscas, aracnídeos vis,
fuzilamento de febres

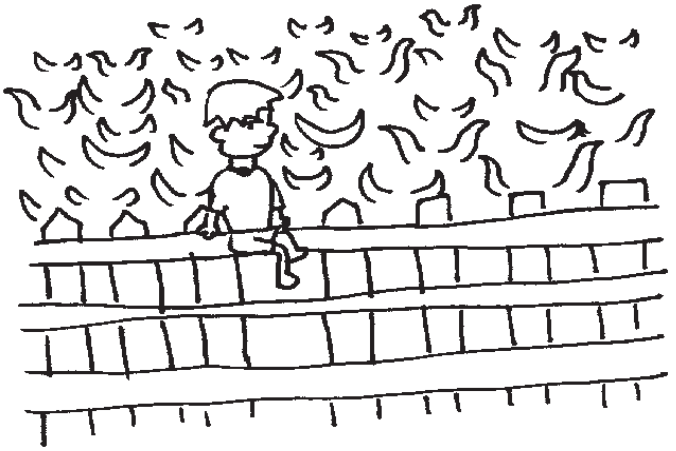
voltar ao curral e lá de cima
escrever versos bovinos
e ser lido pelo gado manso

se deliciar com os comentários elogiosos
dos bois mais longevos, sem as críticas
histéricas das vacas parideiras

vasto, vasto pasto,
mais vasto é este latifúndio literário
onde meus pensamentos pastam
jardins de infância e eu rumino dor,
capim, poemas e lembranças

curral é caravela
estagnada no mar de morros
curral é embarcação
encalhada na calmaria sertaneja

porque daqui de cima
o mundo é pontudo, cheio de chifres,
se movimenta e dói



cheguei bem perto
do rio
mas não pesquei

dessa vez
não sofri

nem eu
nem o lambari

Padre Arupe

o papa negro
desceu do aviãozinho branco

aviãozinho que veio
lá do céu azul

a poeira amarela
sobe da terra vermelha

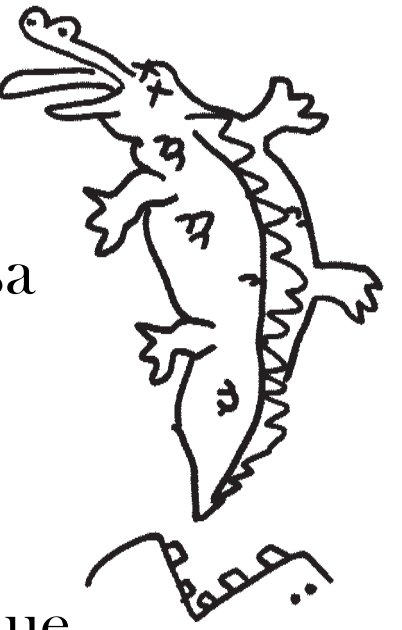
as freiras de branco
os padres nem tanto

o verde dos morros
é o verde mais triste

nosso canto de notas coloridas
derrama pinceladas sonoras
na tarde diamantina

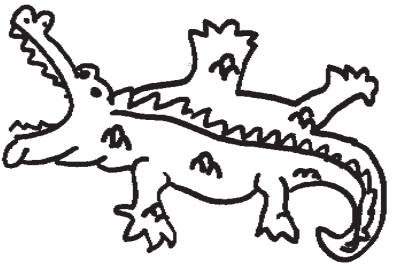
o papa negro nos saúda na cor inexistente

pobre jacaré
que apareceu
no quintal de casa
à noitinha



foge, jacaré, foge
volta pra lagoa
antes que ela seque,
antes que papai chegue...

aprendi que do jacaré
só se come o rabo



Pra bater no peito, de novo

eu não tenho culpa
eu não tenho culpa

eu não tenho
a mínima culpa

Ribeirão do ouro

atravessar o ribeirão,
pulando entre as pedras,
é fácil

difícil é tirar aquelas
pedras do lugar

viver
é tirar pedras do lugar

recordar
é tentar colocá-las de
volta

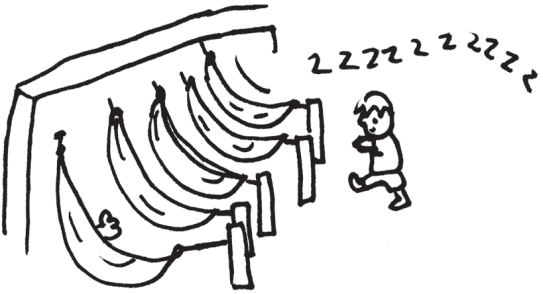
dona nilde,
o pé de manga rosa...
morreu....

morreu

foi cupim

não, foi mão ruim

CONVERSA COM DONA EDITH



não moço
quando eu
cheguei
já tinham
derrubado o casarão

era onde vocês dormiam?
aí fizeram essa praçona
em cima, ficou bonita

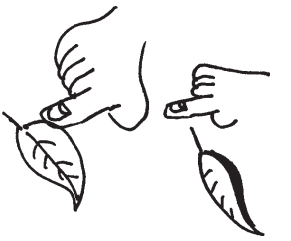
tempo de menino
marca a gente

não tirou foto?

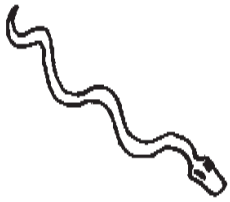
Você se lembra?

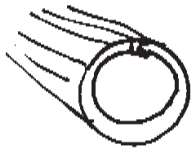
do besouro rola-bosta
que empurra com o nariz
(o nariz?) aquelas bolinhas
de esterco fresco,
pra dentro do buraco?

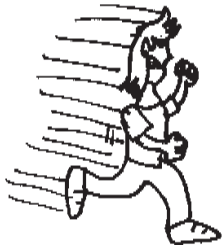
da dorme-dorme, a
plantinha
que você passa a mão por
cima, bem de leve, e ela se
fecha todinha?



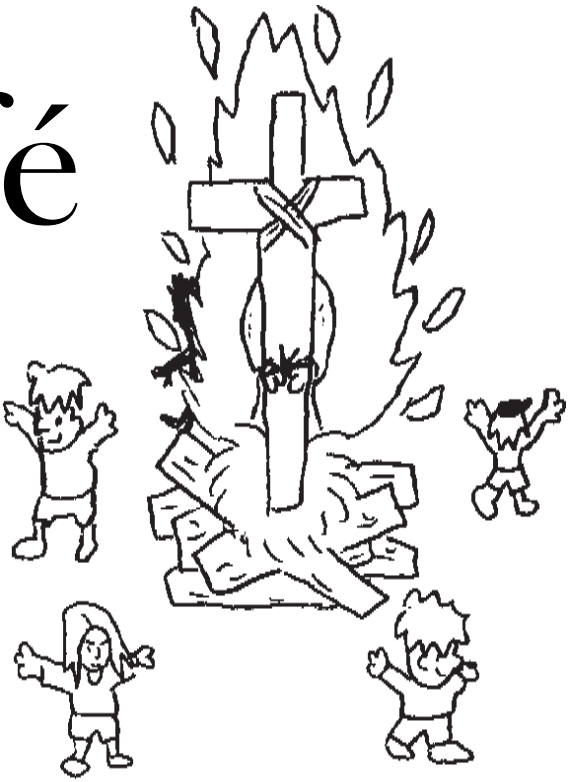
se lembra da cobra que
mordia a ponta
do próprio rabo, virava roda
e alcançava a gente?







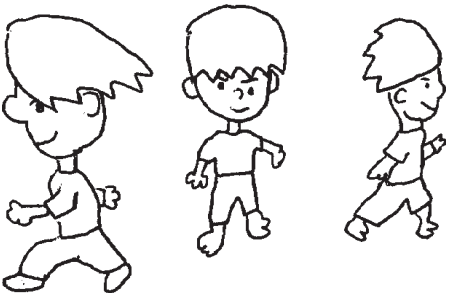
autos de fé



fogueiras de são joão

o menino que fui
existe onde não estou

o menino que fui
não sou eu
é outro menino
mais antigo
que veio antes de mim



o menino que fui
nenhum poeta imagina
nenhuma palavra recria
o menino que fui não foi

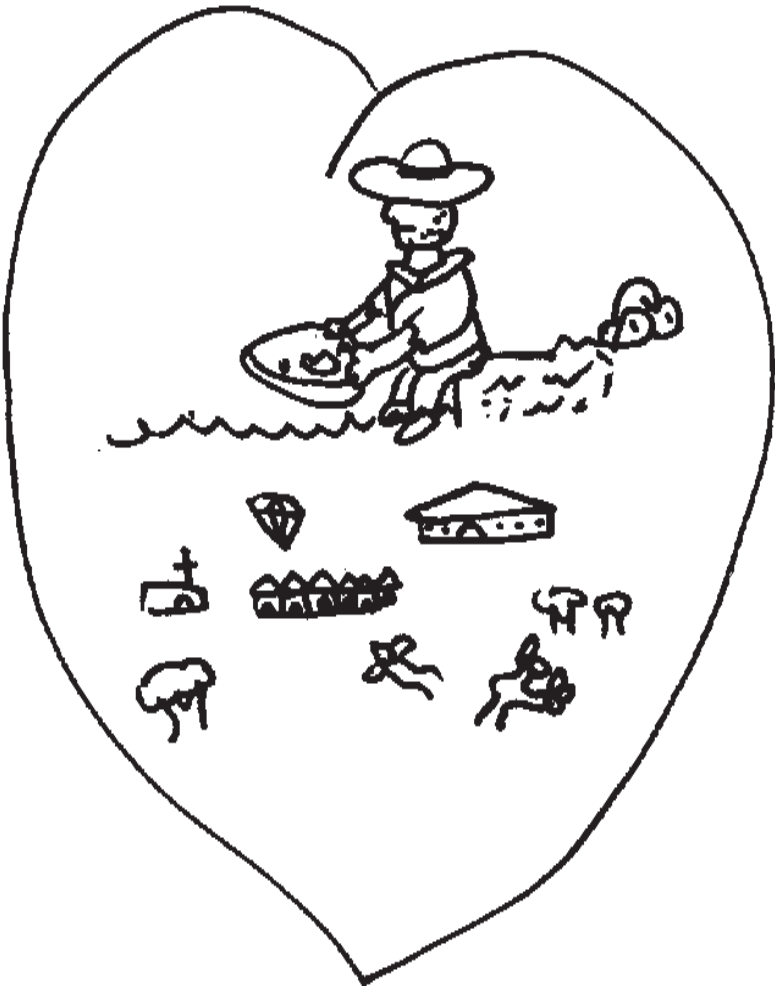
garimpar lembranças
bateia, ouro, infância

extrair do chão da memória
poemas diamantinos

explorar com papel, pá
picareta e caneta
os terrenos baldios da alma

faiscar, catar, chafurdar
procurar o veio
encontrar a veia

este coração esburacado
foi garimpo sim



faltou sentir o quê?
faltou dizer o quê?

aqui estou casa em ruínas
unha roída
escola soterrada
freira infeliz
rio sujo
ponte caída
aqui estou igreja queimada
cerrado extinto
futuro incerto
aqui estou cobra-coral
professora morta
memória gasta
vazio n'alma

aqui estou lambari arisco
amigo inácio
menino sem mimo
aqui estou te oferecendo
a outra face
poema insistente
infindável missa
cinema fechado
aqui estou exposto,
deposto, quase nu
ferida cicatrizada
quer que eu abra, quer?

aqui estou,
infância inacabada

Desenhos do Erik nas páginas 1, 5, 6, 9, 20, 22, 23, 24, 27, 30, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 50, 52, 59, 63, 64, 65, 71, 74, 75, 77, 79, 80 e contra-capa
Desenhos do Klaus nas páginas 7, 26, 31, 48, 54, 57, 59, 61, 66 e 70
Desenhos do Max nas paginas 2, 4, 8, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 28, 33, 42, 44, 45, 47, 49, 53, 56, 58, 67, 69, 72 e 73

Aos meus filhos queridos, o muito obrigado do papai. Vocês salvaram o livro! Valeu!!!!!